

Macabéa

Revista Eletrônica do Netlli, Volume 5, Número 2, Jul.-Dez. 2016

A GUERRA NO DISCURSO DE DILMA: UM ESTUDO NA PERSPECTIVA DA METÁFORA CONCEPTUAL



DILMA'S WAR: A STUDY IN THE PERSPECTIVE OF THE CONCEPTUAL METAPHOR

Roberta da Costa VIEIRA (EMERJ/UNESA)

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [A AUTORA](#)
RECEBIDO EM 20/01/2017 • APROVADO EM 18/02/2017

Abstract

The aim of this article is to identify and analyze the metaphor of war in the speech delivered by former President Dilma Rousseff after the approval of her impeachment by the Federal Senate. Based on the theoretical framework of Cognitive Linguistics, more specifically on the Theory of Conceptual Metaphor, proposed by Lakoff and Johnson (1980), and Lakoff (1986), and on the political discourse, we noted that the metaphor of war is recurrent in her discourse, and its main objective is to map the process that resulted in her impeachment as a war, highlighting the warlike aspects of that process, while covering up other equally possible aspects. We found that the use of this metaphor contributed decisively to the persuasiveness and argumentativeness of her discourse.

O objetivo deste artigo é identificar e analisar a metáfora de guerra no discurso proferido pela ex-presidente Dilma Rousseff após a aprovação de seu impeachment pelo Senado Federal. Com base no arcabouço teórico da Linguística Cognitiva, mais especificamente na Teoria da Metáfora Conceptual, proposta por Lakoff e Johnson (1980) e Lakoff (1983), bem como no discurso político, notamos que a metáfora de guerra é recorrente em seu discurso e tem como objetivo principal mapear o processo que resultou em seu impeachment como uma guerra, realçando os aspectos bélicos desse processo e encobrindo outros aspectos igualmente possíveis. Constatamos que o uso dessa metáfora contribuiu decisivamente para a persuasividade e a argumentatividade de seu discurso.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Cognitive linguistics. Metaphor. Political discourse. Persuasion.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística cognitiva. Metáfora. Discurso político. Persuasão.

Texto integral

INTRODUÇÃO

Os pressupostos teóricos da Teoria da Metáfora Conceptual revelam a importância de considerarmos a vida cotidiana como uma fonte profícua na investigação de fenômenos linguísticos. É no uso da língua que esses fenômenos se evidenciam e possibilitam a compreensão e a construção intersubjetiva do mundo a nossa volta.

Em agosto de 2016, essas convicções conduziram o olhar de muitos pesquisadores da área de linguagem para um fato político de grande repercussão nacional e internacional: o julgamento do impeachment da então presidente da república, Dilma Rousseff. Após a decisão dos senadores pelo seu afastamento, a ex-presidente fez um pronunciamento à imprensa, revelando em seu discurso expressões metafóricas que evidenciaram sua forma de conceber o processo que levou a esse desfecho e de falar sobre ele.

Falar sobre uma situação problemática não é tarefa das mais fáceis. Na política, de um modo geral, ao contrário do que se possa pensar, as dificuldades mais prementes estão na forma como os problemas são colocados, não na sua solução (SCHON, 1979). Como um problema é frequentemente conceptualizado de forma metafórica, isso sugere que é por meio dessa perspectiva que suas possíveis soluções serão encaminhadas.

No discurso proferido pela ex-presidente é possível observar que ela conceptualiza o processo que resultou em seu impeachment como se fosse uma guerra. Ao fazê-lo, seu discurso ganha em argumentatividade e persuasividade, porquanto essa estratégia busca a produção de sentidos a partir do domínio dos saberes cotidianos, portanto, mais familiares. A

familiaridade de conceitos é uma forma de estabelecer uma aproximação entre o discurso e seus ouvintes.

Este artigo está organizado em dois eixos teóricos principais: o discurso político, e a Teoria da Metáfora Conceptual, que serão abordados nas próximas seções. Posteriormente, será feita uma análise crítica dos trechos do discurso em que as metáforas linguísticas foram utilizadas.

1. Discurso político

Diversas disciplinas têm analisado o fenômeno político sem que nenhuma tenha conseguido elaborar uma definição simples e precisa desse conceito em virtude da complexidade que o envolve. Contudo, pode-se esboçar uma definição a partir do enfoque do estudo tradicional da política e dos estudos do discurso político. Primeiramente, a política pode ser considerada uma luta entre dois grupos, a saber: o grupo daqueles que querem o poder e o grupo daqueles que resistem ao poder. Por outro lado, a política pode ser vista também como uma forma de cooperação por meio da qual disputas de interesses de naturezas diversas (influência, recursos financeiros, liberdade etc.) podem ser resolvidas (CHILTON, 2004).

Seja qual for o enfoque, a arena política é sempre um espaço conturbado. O fato de o profissional desta área estar inserido em uma situação constantemente tensa e conflituosa leva-o a um esforço contínuo por argumentar a fim de convencer seu interlocutor de que a posição que defende é a melhor, a mais correta, a mais justa. Todavia, as palavras, particularmente as proferidas no campo político, devem ser tomadas não apenas pelo que dizem, mas, sobretudo, pelo que não dizem (CHARAUDEAU, 2016).

De fato, a linguagem tem efeitos indiscutíveis na ação política e os profissionais dessa área reconhecem seu valor, uma vez que as atividades políticas não existem sem seu uso. Segundo Charaudeau (2016, p. 21).

O governo da palavra não é tudo na política, mas a política não pode agir sem a palavra: a palavra intervém no espaço de discussão para que sejam definidos o ideal dos fins e os meios da ação política; a palavra intervém no espaço de ação para que sejam organizadas e coordenadas a distribuição das tarefas e a promulgação das leis, regras e decisões de todas as ordens; a palavra intervém no espaço de persuasão para que a instância política possa convencer a instância cidadã dos fundamentos de seu programa e das decisões que ela toma ao gerir os conflitos de opinião em seu proveito.

Obviamente, se a política depende da palavra para agir, não se pode conceber esta última como um código neutro e imparcial, mas um instrumento

atravessado pela política, pelos poderes. Na verdade, a linguagem é o próprio espaço em que se materializa a manifestação política. Assim, pode-se constatar que linguagem e política são concomitantes e imiscuídas. Charaudeau (ibid. p. 15) assevera que

O discurso político não esgota, de forma alguma, todo o conceito político, mas não há política sem discurso. Este é constitutivo daquela. A linguagem é o que motiva a ação e se inscreve constitutivamente nas relações de influência social, e a linguagem, em virtude do fenômeno de circulação dos discursos é o que permite que se constituam espaços de discussão, de persuasão e de sedução nos quais se elaboram o pensamento e a ação políticos. A ação política e o discurso político estão indissociavelmente ligados, o que justifica pelo mesmo raciocínio o estudo político pelo discurso.

A relação entre linguagem e política pode ser compreendida e analisada a partir de diferentes enfoques, pois muitos são os elementos constitutivos e as estratégias empregadas nos discursos políticos. Contudo, tendo em vista o escopo deste trabalho, a discussão limitar-se-á a uma única estrutura do discurso político, qual seja, sua dimensão metafórica.

2. A metáfora na política

A metáfora vem sendo estudada há mais de dois milênios e sua análise inicial remonta à Aristóteles, que em sua obra *Arte Poética* a define de forma sucinta: “Metáfora consiste em nominar uma coisa em nome de outra”. Contemporaneamente, a metáfora é um objeto de estudo para muitas áreas do conhecimento, tais como: literatura, retórica, linguística, psicologia, entre outras. Neste trabalho, a metáfora será considerada do ponto de vista da linguística cognitiva (Lakoff & Johnson, 1980 [2002]) e Lakoff (1983) e suas implicações no discurso político.

A metáfora, tradicionalmente, era concebida como uma simples figura de linguagem, mais afeita à poesia e à retórica. Todavia, em virtude do interesse que essa figura sempre despertou e continua despertando em inúmeros pesquisadores ao longo dos tempos, sua conceituação tem passado por mudanças significativas. A contribuição que causou maior impacto nos estudos sobre a metáfora foi realizada pelo linguista George Lakoff e pelo filósofo Mark Johnson. Em sua obra seminal, *Metaphors we live by*, publicada em 1980, eles introduzem as bases epistemológicas do que viria a ser consolidada como a Teoria da Metáfora Conceptual (doravante, TMC).

Esses estudiosos argumentam que o sistema conceitual humano é fundamentalmente metafórico e que a metáfora “está infiltrada na vida cotidiana,

não apenas na linguagem, mas também no pensamento e na ação” (LAKOFF & JOHNSON, [2002]1980:45). Assim, com os estudos da linguística cognitiva, a metáfora passa a ser vista como um processo cognitivo. Consoante Vereza (2010:204)

(...) a abordagem da metáfora como figura do pensamento e não de linguagem a retira de sua “insignificância” conceptual: ela não é mais apenas um adorno supérfluo, mas um importante recurso cognitivo usado, não só para se “referir” a algo por meio de outro termo mais indireto, mas, de fato, construir esse algo cognitivamente, a partir da interação com um outro domínio da experiência. Dessa forma, a metáfora não seria apenas “uma maneira de falar”, mas sim de pensar (ou até mesmo de “ver”) o real de uma determinada forma e não de outra.

Para os defensores da TMC, a metáfora, como fenômeno cognitivo, possibilita o entendimento de conceitos abstratos que podem ser, por um lado, difíceis de serem entendidos literalmente, mas que por outro, são fundamentais para o funcionamento da mente humana. Eles argumentam ainda que, sem a atuação constante da metáfora, o pensamento seria impossível. Em sua argumentação, Lakoff e Johnson (op cit p. 45) asseveram que

A metáfora é, para a maioria das pessoas, um recurso da imaginação poética e um ornamento retórico – é mais uma questão de linguagem extraordinária do que de linguagem ordinária. Mais do que isso, a metáfora é usualmente vista como uma característica restrita à linguagem, uma questão mais de palavras do que de pensamento ou ação. Por essa razão, a maioria das pessoas acha que pode viver perfeitamente bem sem a metáfora. Nós descobrimos, ao contrário, que a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza.

Outra característica das metáforas conceptuais ressaltada por Sardinha (2007) é o fato de elas serem culturais, refletindo a ideologia e a forma de concepção do mundo, por um grupo específico, em determinada cultura. Em virtude de serem compartilhadas socialmente, elas não podem ser criadas por apenas alguns indivíduos, pois não haverá expressões metafóricas em uso que deem conta delas.

Segundo a TMC, as metáforas conceptuais atuam no nível do pensamento, mas se concretizam no nível da linguagem por meio de expressões denominadas

metáforas linguísticas. A título de exemplo, Lakoff e Johnson apresentam a metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA, muito presente em nossa cultura. Ela nos ajuda a estruturar o conceito abstrato de discussão em termos do conceito, mais concreto, de guerra. Isso é possível porque essa metáfora dominante licencia as seguintes metáforas linguísticas (ibid.p.46)

Seus argumentos são indefensáveis. Ele atacou todos os pontos fracos da minha argumentação. Suas críticas foram direto ao alvo. Destruí sua argumentação. Jamais ganhei uma discussão com ele. Você não concorda? Ok, atire! / Ok, ataque! Se você usar essa estratégia, ele vai esmagá-lo. Ele derrubou todos os meus argumentos.

(Destaques presentes no original.)

Como se pode perceber, foram utilizados padrões de inferência de um domínio – o domínio fonte, mais concreto – para pensar acerca de outro – o domínio alvo, mais abstrato, o que não iguala os conceitos, pois trata-se de uma estruturação parcial com base na linguagem. Do ponto de vista cognitivo, a metáfora é usada para que situações problemáticas possam ser compreendidas a partir daquelas que já são conhecidas. Nas palavras de Vereza (2012: 20) “...por meio da metáfora, o homem cria, mesmo que de forma ilusória, um acesso a instâncias mais abstratas, que permeiam nosso pensamento, nossa cultura e nossa linguagem”.

Contudo, as metáforas realçam ou encobrem determinados aspectos do que representam. Em primeiro plano, evidenciam-se os sentidos coerentes com a metáfora proposta, ao passo que outros sentidos, que lhe são incompatíveis, são escondidos. Fairclough (2001) assevera que quando selecionamos uma metáfora em detrimento de outra, estamos construindo nossa realidade de uma maneira e não de outra, o que sugere filiação a uma forma particular de representar aspectos do mundo e de identificá-los. Em outras palavras, a metáfora é uma ferramenta por meio da qual as pessoas constroem sentidos, em virtude da articulação entre suas intenções discursivas e instâncias mais estáveis, de natureza sociocognitiva.

No caso da metáfora de guerra, isso significa que não só passamos a conceber a discussão em termos de uma guerra, mas também podemos chegar a agir, nesses casos, como se estivéssemos numa guerra real. Esse ponto é relevante porquanto é exatamente essa capacidade de estabelecer uma semelhança estrutural entre dois campos da experiência que confere à metáfora sua força persuasiva. Uma vez que o propósito de persuadir é sempre central no discurso político, o uso de metáforas nesse discurso é sempre muito produtivo. Consoante Carvalho (2012: 217)

(...) as metáforas podem ser usadas com o intuito de persuadir, ao sugerir uma interpretação de situações ou acontecimentos, marcando uma determinada perspectiva política. Isso acontece

porque elas constroem um equilíbrio entre os elementos do domínio-fonte, o campo semântico do qual o significado literal é originado, e o domínio-alvo, o domínio semântico dentro do qual o significado metafórico está localizado.

Em sua obra *Moral Politics: How Liberals and Conservatives Think* (2002), Lakoff realiza uma análise crítica do discurso político partidário à luz da Teoria da Metáfora Conceptual e ressalta que a forma como as pessoas pensam sobre política é determinada, em grande parte, por metáforas inconscientes. Assim, a metáfora parece merecer destaque nos estudos do discurso político.

3. Metodologia

3.1 Introdução

A metodologia de pesquisa adotou os seguintes procedimentos com base em Cameron (2006), Charteris-Black (2004, 2005) e Lakoff e Johnson (2002): primeiramente, foi coletado o discurso de Dilma Rousseff, proferido logo após a decisão do Senado em favor de seu impeachment. A escolha em analisar um discurso constitui-se na razão de que esse gênero textual pode mais facilmente ser atribuído ao emissor de fala original. Com isso, evitam-se dúvidas quanto às fontes de ideologia veiculadas pelas metáforas conceptuais identificadas.

Posteriormente, o texto foi trabalhado manualmente. Foram selecionados os trechos do discurso que apresentavam palavras-chave metafóricas relacionadas ao conceito de guerra. Essas metáforas linguísticas foram, então, relacionadas à metáfora conceptual dominante: O ACONTECIMENTO/EVENTO X É UM ATO DE GUERRA.

Foram encontradas cinquenta e cinco ocorrências de metáforas linguísticas de guerra. Houve também o uso de uma metáfora ontológica, a personificação, e o uso da metáfora estrutural A VIDA É UMA VIAGEM, mas essas ocorrências não foram significativas (três ocorrências e uma ocorrência, respectivamente). Portanto, não serão tecidas considerações sobre elas.

Por fim, foi realizada uma breve análise crítica dos trechos do discurso em que as metáforas mais significativas foram encontradas. Essas metáforas linguísticas são as evidências que comprovam a existência de uma metáfora conceptual dominante, qual seja, a metáfora O ACONTECIMENTO/EVENTO X É UM ATO DE GUERRA.

3.2 Análise dos Dados

Para análise dos dados, buscou-se amparo nos suportes teóricos da Linguística Cognitiva, sobretudo na Teoria da Metáfora Conceptual desenvolvida por Lakoff e Johnson (1980 [2002]) e Lakoff (1983).

(1) Decidiram pela interrupção do mandato de uma presidenta que não cometeu crime de responsabilidade. Condenaram uma inocente e consumaram um **golpe** parlamentar.

(2) É o segundo **golpe** de estado que **enfrento** na vida. O primeiro, o golpe militar, apoiado na truculência das armas, da repressão e da tortura, me **atingiu** quando era uma jovem militante. O segundo, o **golpe** parlamentar **desfechado** hoje por meio de uma farsa jurídica, me **derruba** do cargo para o qual fui eleita pelo povo”.

(3) Mas o **golpe** não foi cometido apenas **contra** mim e **contra** o meu partido. Isto foi apenas o começo. O **golpe** vai **atingir** indistintamente qualquer organização política progressista e democrática.

(4) O **golpe** é **contra** os movimentos sociais e sindicais e **contra** os que **lutam** por direitos em todas as suas acepções: direito ao trabalho e à **proteção** de leis trabalhistas; direito a uma aposentadoria justa; direito à moradia e à terra; direito à educação, à saúde e à cultura; direito aos jovens de protagonizarem sua história; direitos dos negros, dos indígenas, da população LGBT; das mulheres; direito de se manifestar sem ser **reprimido**.

(5) Abrimos um caminho de mão única em direção à igualdade de gênero. Nada nos fará **recuar**.

Em (1), (2), (3) e (4) a palavra golpe é repetida muitas vezes. Essa palavra deriva do latim vulgar *colpus*, que anteriormente era *colaphus* e significa originalmente soco, bofetada. Quando aplicada à política, no contexto em que se desencadeou o impeachment, ela é metafórica, pois seu uso literal nos remete a uma situação que envolve a presença de soldados, tanques, armas, agressões físicas, violência, com vistas a silenciar opositores, o que não ocorreu de fato. Todas as outras evidências linguísticas dos trechos de (1) a (5) também não deixam dúvidas do enquadramento da situação vivenciada pela presidenta como um ato de guerra. Essa construção da realidade discursivo-metafórica do processo de impeachment, associando-o à guerra é uma estratégia argumentativa, pois aproxima o discurso do ouvinte, levando-o a agir contra o “inimigo”.

(6) Com a aprovação do meu afastamento definitivo, políticos que buscam desesperadamente escapar do braço da Justiça

tomarão o poder unidos aos **derrotados** nas últimas quatro eleições. Não ascendem ao governo pelo voto direto, como eu e Lula fizemos em 2002, 2006, 2010 e 2014. Apropriam-se do poder por meio de um **golpe** de Estado.

(7) Ouçam bem: eles pensam que nos **venceram**, mas estão enganados. Sei que todos vamos **lutar**. Haverá **contra** eles a mais firme, incansável e enérgica **oposição** que um governo **golpista** pode **sofrer**.

(8) Acabam de **derrubar** a primeira mulher presidenta do Brasil, sem que haja qualquer justificativa constitucional para este impeachment.

(9) É uma fraude **contra** a qual ainda vamos recorrer em todas as instâncias possíveis.

(10) Travei bons **combates**. **Perdi** alguns, **venci** muitos e, neste momento, me inspiro em Darcy Ribeiro para dizer: não gostaria de estar no lugar dos que se julgam **vencedores**. A história será **implacável** com eles.

Em (6), (7), (8), (9), e (10) e percebe-se mais claramente o enquadramento da situação como um ato de guerra. Há inimigos que combatem em lados opostos e para que um lado seja o vencedor, faz-se necessário lançar mão de todas as armas que estiverem ao alcance para destruir o opositor. Aquele que se levanta contra o inimigo, está agindo moralmente, uma vez que o faz para que ele não mais ameace os fracos e oprimidos. Bem sabe-se que em uma luta contra o inimigo, não se questiona seu extermínio, afinal, na guerra é matar ou morrer. Particularmente em (7), Dilma deixa claro que pode ter perdido a batalha, mas não a guerra quando afirma que “eles pensam que nos **venceram**, mas estão enganados”.

(11) O **golpe** é **contra** o povo e **contra** a Nação. O **golpe** é misógino. O **golpe** é homofóbico. O **golpe** é racista. É a **imposição** da cultura da intolerância, do preconceito, da **violência**.

(12) Eu vivi a minha verdade. Dei o melhor de minha capacidade. Não fugi de minhas responsabilidades. Me emocionei com o sofrimento humano, me comovi na **luta contra** a miséria e a fome, **combati** a desigualdade.

(13) Espero que saibamos nos unir em **defesa** de causas comuns a todos os progressistas, independentemente de filiação partidária ou posição política. Proponho que **lutemos**, todos juntos, **contra** o retrocesso, **contra** a agenda conservadora, **contra** a extinção de direitos, pela soberania nacional e pelo restabelecimento pleno da democracia.

(14) A descrença e a mágoa que nos atingem em momentos como esses são péssimas conselheiras. Não desistam da **luta**.

(15) Saio da Presidência como entrei: sem ter incorrido em qualquer ato ilícito; sem ter traído qualquer de meus compromissos; com dignidade e carregando no peito o mesmo amor e admiração pelas brasileiras e brasileiros e a mesma vontade de continuar **lutando** pelo Brasil.

Em (11), (12) (13) e (14), mais uma vez, as palavras destacadas indicam a necessidade de agir como se estivesse em uma guerra. Há a ideia de combate em que é preciso lutar contra o inimigo, mas ao mesmo tempo saber se defender de seu ataque. Em (12), Dilma se coloca como alguém que lutou pelo povo brasileiro no passado a fim de melhorar sua condição de vida. Ao passo que em (13), ela convoca o povo, no presente, para lutar com ela “em defesa de causas comuns”. Dessa forma, ela aproxima seu discurso dos ouvintes, uma vez que a proposta é que lutem juntos, ela e eles, como soldados, para combater o inimigo. Aquele que luta contra o inimigo representa o bem, e o bem deve vencer o mal. A força persuasiva dessa conceptualização reside no fato de que dá ao povo o sentimento de que é justo e moral lutar contra o inimigo que o ameaça e tira seus direitos. Em suma, nestes excertos, Dilma constrói a imagem de um presente de guerra e de um possível futuro de paz, caso seus ouvintes se juntem a ela em defesa do “bem”, que ela representa.

A partir dos exemplos discutidos, observa-se que quando Dilma usa o conceito de guerra para lidar com a sua realidade, ela está se valendo de uma metáfora que permite que uma situação política seja vivenciada em termos de um confronto físico. A metáfora de guerra é muito produtiva no sentido de que permite mapear determinados aspectos da experiência em termos de inimigos, vitórias, derrotas, proteção. Assim, as expressões linguísticas metafóricas do domínio de guerra são licenciadas por uma metáfora conceptual para referir-se a tal situação. Trata-se da metáfora estrutural O ACONTECIMENTO/EVENTO X É UM ATO DE GUERRA, que autoriza a utilização de “um conceito detalhadamente estruturado e delineado de maneira clara para estruturar outro conceito” (Lakoff & Jonhson, op cit p.134).

De fato, ao longo do processo de impeachment, não houve uma guerra militar ou civil no sentido literal dos termos. Contudo, a metáfora selecionada e empregada no discurso não tinha como objetivo expressar o real, mas sim, construí-lo de forma a direcionar o entendimento do interlocutor na direção desejada. Por se tratar de uma metáfora convencionalizada, a metáfora de guerra pode passar despercebida no discurso da ex-presidente, ainda assim, existe a possibilidade de causar grande impacto nos ouvintes.

No discurso analisado, foram colocados em primeiro plano os aspectos bélicos da situação política vivenciada por Dilma, todavia, foi deixada de lado uma série de outros aspectos, que fogem ao escopo deste trabalho, que poderiam permitir a compreensão da questão de outra forma. Assim, cabe ao interlocutor adotar uma postura mais crítica a fim de perceber que determinado conceito está sendo apenas parcialmente estruturado pela metáfora selecionada pelo produtor do texto, pois segundo Carvalho (2006) “..., as metáforas podem ser usadas com o intuito de persuadir ao sugerir uma interpretação de situações ou acontecimentos tendenciosamente”. Lakoff e Johnson (2002: 356) também sugerem que “A aceitação cega da metáfora pode ocultar realidades degradantes”.

Dessa forma, pode-se dizer que as metáforas podem ser utilizadas com significados avaliativos por aqueles que querem persuadir. Contudo, acreditamos que através de um olhar mais crítico, é possível desvelar aspectos relevantes de significação, e até mesmo de ideologias, que podem estar por trás de seu uso.

Considerações finais

A discussão e a breve análise aqui propostas objetivaram mostrar o papel da metáfora conceptual no discurso político, mais especificamente no discurso proferido por Dilma Rousseff após sofrer o impeachment. Em virtude da natureza e do escopo deste trabalho, não houve a intenção de explorar o assunto de forma mais aprofundada.

Foi possível observar, porém, que a organização do discurso da ex-presidente prezou pelo convencimento e pela persuasão. Os trechos e a breve análise apresentados revelaram que a metáfora de guerra desempenha um papel argumentativo relevante, na medida em que é acionada e ressaltada no discurso a fim de produzir os efeitos persuasivos pretendidos. Isso acontece porque essa figura permite que um conceito mais abstrato seja compreendido a partir de um conceito mais concreto. Não se pode olvidar, no entanto, de que é a existência de uma interação constante entre linguagem e cultura que possibilita esses efeitos.

Contudo, como a metáfora evidencia apenas alguns aspectos do conceito em questão, ao mesmo tempo em que encobre outros, percebe-se claramente sua função persuasiva, já que ela pode ser manipulada para construir determinados sentidos. Assim, diante de evidências de metáforas linguísticas em qualquer texto, seja ele oral ou escrito, não deve o interlocutor assumir uma postura ingênua, mas sim questionadora, no sentido de entender que determinado conceito está sendo apenas parcialmente estruturado. A partir dessa compreensão torna-se possível a

crítica aos valores, às ideologias que estão por trás do uso de metáforas. Não é uma tarefa fácil, mas extremamente necessária, particularmente na análise do discurso político, metafórico por natureza.

Para terminar, esperamos que este estudo venha a se somar a todas as outras pesquisas na área de metáfora, contribuindo para uma melhor compreensão do funcionamento dessa figura de linguagem e de pensamento, particularmente no que concerne ao seu uso no discurso.

Referências

CAMERON, Lynne. MetNet Group: the Metaphor Analysis Project. In: Open Training Workshop, 2006. Disponível em: <http://creeet.open.ac.uk/projects/metaphor-analysis>. Acesso em 10/01/2017.

CARVALHO, Sérgio Nascimento. Palavras em Guerra: As Metáforas nos Discursos de G.W. Bush e seus Colaboradores sobre o 11 de Setembro. In: VEREZA, S. (org.) Sob a Ótica da Metáfora – Tempo, Conhecimento e Guerra. Rio de Janeiro: Editora da Uff, 2012. p. 213-235

CHARTERIS-BLACK, Jonathan. Corpus Approaches to Critical Metaphor Analysis. Nova Iorque: Palgrave, 2004.

CHARAUDEAU, Patrick. Discurso Político. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

CHILTON. Paul. Analysing Political Discourse: Theory and Practice. London: Routledge, 2004.

FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e Mudança Social. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

KÖVECSES, Zoltan. Metaphor – A Practical Introduction. Oxford: OUP, 2002.

LAKOFF, George. The contemporary theory of metaphor”, In Ortony, Andrew (ed.), Metaphor and Thought, Cambridge: Cambridge University Press, 1993 p.202-251.

_____. Moral Politics – How Liberals and Conservatives Think. Chicago: The University of Chicago Press, 2002.

LAKOFF, George.; JOHNSON, Mark. Metaphors We Live by. Chicago: University of Chicago Press: 1980. Tradução em português pelo grupo GEIM: LAKOFF, G.; JOHNSON, M. Metáforas da Vida Cotidiana. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras/EDUC, 2002.

SARDINHA, Tony Berber. Metáfora. São Paulo: Parábola, 2007.

SCHON, Donald Generative Metaphor: a Perspective on Problem Setting in Social Policy. In A. Ortony (Ed.), Metaphor and Thought (p. 254-283) Cambridge, England: CUP, 1979.

VEREZA, Solange Coelho. O Lócus da Metáfora: Linguagem, Pensamento e Discurso. In: Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e cognição no 41, p. 199-212, 2010

_____. Apresentação. In: VEREZA, S. (org.) Sob a Ótica da Metáfora – Tempo, Conhecimento e Guerra. Rio de Janeiro: Editora da Uff, 2012.

Para citar este artigo

VIEIRA, Roberta da Costa. A GUERRA NO DISCURSO DE DILMA: UM ESTUDO NA PERSPECTIVA DA METÁFORA CONCEPTUAL. . **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 5, n. 2, p. 18-40, jul.-dez. 2016.

A autora

Roberta da Costa Vieira (EMERJ/UNESA) é Professora de Português Jurídico e Argumentação Jurídica na Escola da Magistratura do Estado do Rio de Janeiro (EMERJ)